

Igreja Missionária e Libertação

Ervino Schmidt

Nosso tema pode ser interpretado no sentido da conhecida expressão de D. Bonhoeffer "Igreja só é Igreja quando existe para outros"¹. É uma fórmula bastante usada. Podemos ouvi-la com frequência. Entretanto, ela é muito difusa e fluída. Ao empregá-la é, por isso, necessário definir de que maneira a entendemos. O que é para nós Igreja? Qual é sua missão que recebeu do Senhor?

1. Igreja Missionária é Igreja em marcha a partir da experiência de libertação.

Tanto o povo de Israel como também a comunidade cristã tiveram consciência de serem um povo peregrino (Cf. Hb. 13.14). Isto significa que aquelas pessoas que fizeram a experiência do poder de Deus, estiveram em constante movimento. Estiveram em marcha, esperando a total realização do Reino de Deus. Esse aspecto do povo de Deus em marcha nos parece ser de grande importância para uma compreensão mais apropriada de Igreja missionária em nossos dias. Vejamos como as páginas bíblicas nos relatam experiências de libertação que grupos fizeram e como os mesmos são impulsionados para frente, esperando o cumprimento das promessas que receberam de Deus.

a) A experiência de libertação no Antigo Testamento

A maioria dos estudiosos do Antigo Testamento considera o Êxodo o "acontecimento fundamental" para o povo de Israel. Júlio de Santa Ana escreve: "Através do mesmo não só adquiriu densidade histórica, mas ele mesmo marca o momento de uma libertação que, dificilmente,

1 — BONHOEFFER, D. **Resistência e Submissão**, 2 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra - São Leopoldo, Sinodal, 1980, p. 186.

poderia ter sido prevista em condições normais''². Verdade é que ficamos maravilhados ainda hoje, quando lemos sobre essa experiência de libertação. Através dos relatos bíblicos fazemos idéia do grau de submissão em que se encontravam os israelitas sob o domínio de Faraó. Transparece nitidamente o sofrimento pelo que teve que passar o povo.

Não resta a menor dúvida que com o passar dos anos a lembrança que Israel manteve do êxodo, foi enriquecida e enfeitada. Mesmo tomando isso em consideração, conseguimos ter uma nítida impressão do que tem sido o acontecimento do Êxodo. Temos aí uma ''inversão significativa da ordem social: os oprimidos conquistam a sua liberdade através de dura gesta''³.

Uma nova perspectiva se abre para o povo de Israel. Temos que, porém, deixar bem claro, que para os hebreus esta nova abertura de seu futuro é para eles um fato de Deus. É ele que introduz uma nova dimensão na vida do povo. A libertação que experimentaram é obra de Deus. Essa compreensão do povo é genuína expressão de fé.

No processo do Êxodo podemos distinguir duas fases. A primeira fase é a Saída do Egito ou Libertação. A segunda é a da peregrinação pelo deserto ou o Êxodo propriamente dito. O primeiro momento marca um processo de confrontações, lutas e decisões que se projetam em direção à libertação. O outro momento é o que corresponde à coesão e organização do povo como nação''⁴.

Na primeira fase o dado fundamental é que se intensifica a contradição entre o poder faraônico opressor e os israelitas. O conflito entre ambas as partes já existia, porém de maneira latente. Agora, torna-se manifesto. Os israelitas, nas suas aspirações, colocaram a sua esperança no poder libertador de Deus. Aceitaram a Moisés como por ele indicado.

''Portanto dize aos filhos de Israel: Eu sou o Senhor e vos tirarei debaixo das cargas do Egito, vos livrarei da sua servidão e vos resgatarei com braço estendido e com grandes manifestações de julgamento. Tomar-vos-ei por meu povo, e serei vosso Deus; e sabereis que eu sou o SENHOR vosso Deus, que vos tiro debaixo das cargas do Egito'' (Êx 6.6,7).

2 — SANTA ANA, J. de. et alii. **Liberdade e Fé**. Rio de Janeiro, Tempo e Presença, 1972, p. 72.

3 — Ibid., p. 72.

4 — Ibid., p. 73.

Essas palavras expressam a esperança daqueles que seriam libertados da opressão da qual eram vítimas. Com outras palavras: entre eles a libertação já era uma convicção. Era, pois, preciso enfrentar o poder de Faraó.

A segunda fase é a marcha através do deserto. Ela não é menos importante que a anterior.

Neste período surgem alguns problemas. A autoridade de Moisés é posta em questão. Aparecem aqueles que “perdem a visão do futuro” e se põem a sonhar do passado. Importante é observarmos que o povo do Êxodo, embora tenha feito experiência de libertação, ainda não é totalmente livre. Poderíamos dizer que se encontra entre cumprimento e nova promessa. Deve continuar sua caminhada rumo à terra prometida. E Deus sempre o acompanha nesta caminhada.

b) Libertação no Novo Testamento

As religiões do mundo quase todas falam do amor dos deuses, mas falam também que o homem deve merecer este amor. Em oposição a isso a mensagem verdadeiramente revolucionária do Novo Testamento é o amor de Jesus para com os perdidos e desviados, para com os indignos e condenados. Jesus sentou-se à mesa com publicanos e pecadores. Toda atenção era dirigida aos fracos e oprimidos, às pessoas, cuja vida estava arrazada.

Uma mulher de má reputação entra na casa de um fariseu, onde Jesus é hóspede. A mulher umedece os pés de Jesus com suas lágrimas e o profeta de Nazaré permite que ela lhe ofereça esta homenagem fora do comum (Lc 7. 37 ss). A reação do hospedeiro é indignação e espanto. Se esse homem verdadeiramente fosse um enviado de Deus, ele deveria afastar para longe de si aquela mulher de má fama!! Mas Jesus quer demonstrar e esclarecer através de sua atitude, tão incomum, que Deus não abandona os desprezados, mas quer libertá-los.

Exatamente aqueles que não têm nada a oferecer, que estão no mundo de mãos vazias, são procurados. Jesus se sabia enviado para anunciar e viver um amor que não depende de condições e que vale integralmente para todos.

A obra de Jesus entre os seres humanos orienta-se para todo o gênero humano e, em especial, para aqueles que sofrem todo tipo de opressão. Assim, Jesus realiza a inauguração do tempo, no qual todas as cousas serão renovadas. O Reino de Deus, esperado no Antigo Testamento, tem o seu início. Escreve J. Moltmann: “Jesus, o Messias da justi-

ça de Deus veio aos que não tinham direitos, aos pecadores e aos coletores de impostos”⁵.

Joachim Jeremias chamou atenção para este mesmo aspecto num estudo exaustivo sobre as parábolas. No centro da mensagem de Jesus encontra-se a seguinte verdade: a salvação libertadora vem para os pobres e perdidos. Diz Jeremias que as parábolas de Jesus, praticamente sem exceção, giram em torno deste tema e nasceram em situações de conflito.

Elas são conscientemente dirigidas contra adversários que se revoltam contra o fato de Deus manifestar seu amor aos indignos. O resultado dessa opção de Jesus pelos humildes e desprezados era previsível: Ele atrai sobre si a ira dos poderosos que não desejavam mudança. Sabemos que a cruz foi o desenlace dessa confrontação.

2. Igreja Missionária vive da certeza da ressurreição

Fim trágico para mais um movimento, poderia alguém pensar. Mas, este não é o fim! A história não termina na cruz. “Onde está ó morte o teu aguilhão? Onde está, ó morte, a tua vitória?” exclama o apóstolo Paulo (1 Co 15.55).

“O ódio dos poderosos, sua capacidade opressora não podem acabar com a liberdade dos livres e com a fome de justiça dos justos. Apesar dos poderes deste mundo aparecerem, momentaneamente, vitoriosos, a ressurreição é um signo de que a liberdade não pode ser contida e que, não se pode antepor diques à libertação. A esperança, pois, mesmo nos momentos mais escuros, quando parece que não há mais saídas nem soluções, não pode esgotar-se”⁶.

Não havia, agora, mais motivo para sentir-se derrotado diante da realidade. Para usar uma comparação: o véu do futuro abriu-se de novo, para nunca mais se fechar.

Uma nova força entrou na vida dos discípulos. Uma nova esperança nasceu. Esta esperança está ligada ao Cristo ressurreto, invisível em si mesmo, mas visível nos seus efeitos. Entra no plano uma força mais forte do que tudo que antes quis matar neles a esperança. Dissemos que a li-

5 — MOLTSMANN, J. et alii. **Liberdade e Fé**. Rio de Janeiro, Tempo e Presença, 1972, p. 58.

6 — Ibid., p.78.

berdade não mais pode ser contida. Todas aquelas barreiras que impediam a vida e que matavam a esperança, foram vencidas:

“A força do imperialismo romano, do farisaísmo, da opinião pública, da mentalidade flutuante do povo. As forças da morte foram derrotadas. A guerra já estava vencida, embora a batalha continuasse ainda. Era questão de tempo apenas. Nada mais podia amedrontá-los; enfrentavam o povo, os judeus, o sinédrio, os romanos, os fariseus, a tortura, a prisão (cf. Atos 2.14; 4.19-31; 5.29,41). A vida que neles nascera, já transpusera a morte, já era vida nova e vitoriosa (cf. Ef. 2.6). Mesmo que tivessem que sucumbir sob os golpes da morte, a vida não morreria mais”⁷.

Agora tinha sentido resistir, não se conformar com a situação. Agora tinha sentido agir para transformá-la! Agora ninguém mais precisava esquivar-se dos conflitos e contradições do seu tempo. Era, pelo contrário, possível atuar a partir dos conflitos com vistas a superá-los, “procurando criar condições de vida onde a liberdade e a justiça” pudessem ser concretizadas.

Isto vale também para nós na nossa missão de criar condições de vida mais condizentes com a liberdade para qual Cristo nos libertou (Gl 5.1). Apesar das barreiras que nos serão colocadas neste caminho, teremos certeza de que a esperança não perece. Esta esperança, baseada na ressurreição de Cristo, sempre fará irromper forças que possibilitarão um novo mundo, “melhor e mais humano que o do passado”.

3. Igreja Missionária não gira em torno de si mesma

Se nós falamos tanto em libertação, então não entendemos este termo no seu estreitamento de que ele, muitas vezes, é vítima. Falamos em libertação no seu sentido total. Trata-se, inclusive, de uma libertação da pessoa de si própria. É aí exatamente que se dá o avanço em direção aos outros. Isto vale para a Igreja toda. Ela, em sua missão, não pode girar em torno de si mesma. Tampouco deve preocupar-se excessivamente em conservar a sua atual estrutura.

Quem sabe, estagnamos, em vez de estarmos em movimento, em vez de sermos um povo em marcha? Será que não é assim que, com poucas exceções, estamos por demais presos a formas de trabalho que fun-

7 — MESTRES, C. **Deus, onde estás?** Belo Horizonte, Ed. Vega, 1971 P. 203.

cionam como verdadeiros obstáculos à renovação e libertação em nosso contexto? Quem observa a nossa maneira de trabalho, poderia ter a impressão que estamos ligados a formas tradicionais como se tivessem sido fixadas em caráter definitivo. Em todo caso estamos errando, se nos apegamos a determinadas formas sem questioná-las. Pode ser que ainda sejam válidas, mas é preciso questioná-las de contínuo. Não querer substituí-las por outras quando começam a falhar "significa aprisionar-se ao passado, permanecer ininteligível no presente e dar as costas para o futuro"⁸. Quem sabe, nós estamos conservando estruturas que impedem a **missio Dei** na sociedade de hoje? Teríamos, então, um exemplo de estruturas heréticas. O nosso caso não pode ser ficarmos estacionados. Para os cristãos o estacionamento é proibido. Falando em linguagem tirada do mundo do trânsito: quantas pessoas pagam pesadas multas por estacionamento proibido! Será que não vamos também nós pagar muito caro se não procurarmos estruturas mais dinâmicas que nos ajudem a realmente sermos um povo em marcha?

4. Igreja Missionária é Igreja no mundo

A Igreja que proclama e vive a libertação não pode existir para si mesma, mas se destina ao mundo.

"A Igreja tem a natureza do corpo de Cristo crucificado e ressuscitado somente quando é obediente no mundo, pelo serviço concreto da missão. Sua existência depende inteiramente do cumprimento de seu serviço. Por isto ela nada é por si mesma, mas é tudo o que é pela existência para os outros. Ela é a comunidade de Deus quando é comunidade para o mundo"⁹.

Cristo o Libertador e Salvador certamente não é Senhor de uma igreja satisfeita consigo mesma e estagnada, mas ele é o Senhor de uma Igreja em marcha que exige "para outros", se dirige ao mundo. A abertura para o mundo é parte da missão da Igreja. A libertação que experimentamos nos conduz em direção aos outros. Aí temos a mola mestra para a nossa tarefa missionária hoje. Porque sabemos o que significa salvação, buscamos amainar doença e miséria. Porque temos experimentado a paz que está acima de todo nosso entendimento, não podemos silenciar diante de falta de paz, do abuso de poder e de qualquer tipo de es-

8 — CMI. **Uma Igreja para o mundo**. S. Paulo, Publicadora Ecclesoa, 1969, p. 32.

9 — MOLTSMANN, J. **Teologia da Esperança**. S. Paulo, Herder, 1971, p. 392.

cravidão. Porque sabemos o que é justiça divina, empenhamo-nos por justiça no mundo, por estruturas mais justas e nos colocamos ao lado dos desprivilegiados. Porque nos foi mostrada a longanimidade de Deus, queremos tolerância entre as pessoas e entre as nações. Porque vivemos da reconciliação em Cristo, lançamos pontes, somos pacificadores e lutamos por chances iguais para todos. Porque confessamos que Deus se tornou pessoa humana e que somos seus filhos, empenhamo-nos pelos direitos humanos, pela conservação da dignidade humana e por solidariedade com os desprezados.

Porque nos é dada a possibilidade de arrependimento diário, vivemos em liberdade e incentivamos todos a deixarem de lado os preconceitos. Porque esperamos um novo céu e uma nova terra onde a justiça habita, fazemos tudo, já agora, pela humanização do ser humano, pela socialização da humanidade, pela paz no mundo, em suma, para que venha reinar a esperança criadora e transformadora da nossa realidade.

O que experimentamos e o que esperamos nos impulsiona para a frente, em direção aos irmãos.

A concretização do que foi dito acima, é prática da misericórdia no sentido bíblico. "Sede misericordiosos como também é misericordioso o vosso Pai" (Lc 6.36). Esta palavra de Jesus se refere à misericórdia como sendo a atitude característica do cristão em relação aos seus semelhantes (2 Co 4.1). O cristão há de perguntar pelo irmão que se encontra em dificuldade e há de se tornar o próximo para ele a exemplo do bom samaritano (Lc 10.25ss).

Da tarefa missionária da Igreja faz parte inalienável a transformação da realidade de sofrimento. Por isso, cristãos vivem inconformados com o atual estado de coisas. Não se adaptam às condições do mundo atual. Ou, para dizê-lo positivamente, procuram antecipar em meio às condições deste tempo, as características do reino de Deus que já viram em Jesus Cristo e que ainda aguardam em sua plenitude. Chegamos, com isso, a um tema bastante debatido, o da relação entre esperança cristã e ação missionária aqui e agora. O apóstolo Paulo teve que repreender alguns que, cruzando os braços, aguardavam inativos a vinda do Senhor. O contrário temos na segunda epístola de Pedro. Aí vemos um grupo desiludido com a demora da vinda do Senhor e da renovação de todas as coisas. Mas nem esperança passiva, nem ativismo desligado da esperança é esperança cristã.

Os cristãos, em todo o Novo Testamento, são exortados a responderem concretamente à libertação presenteada. Essa é sua missão. Não

se trata de atos de virtude própria, mas de ações que já agora correspondam ao futuro estabelecido em Jesus Cristo.

A Igreja só se encontra na missão de Cristo quando solidária com os oprimidos, com os que sofrem.

Porque Deus em Jesus Cristo exaltou precisamente um sofredor, a Igreja obscureceria a salvação se deixasse de lado a preocupação pelos que sofrem.

Nos dias 18 e 19 de junho do ano passado o Conselho Diretor da IECLB esteve reunido em seminário de planejamento sob o tema "Missão — mandato e instrumental". Neste encontro é reafirmada a visão de Igreja como serva. Em sua existência marcada pela opção do serviço cabe-lhe ouvir o clamor do povo e caminhar com os que sofrem. Percebe-se, em tudo isso, a dimensão política da missão. "Deus exige de toda ordem política, social e econômica a justiça e o zelo pelo bem-estar de todos. É no que a Igreja deve insistir, solidarizando-se com os injustiçados"¹⁰. Uma Igreja servidora desafia o poder dos grandes. É neste sentido que se constata de maneira realista:

"A defesa da vontade de Deus no mundo é tarefa ingrata. Normalmente colide com interesses maciçamente humanos, opostos ao que Deus quer. Mas a Igreja fatalmente há de tornar-se culpada, quando fica devendo ao mundo o anúncio dos propósitos divinos. Neste anúncio consiste sua tarefa profética, difícil, sim, mas necessária para a salvação do mundo"¹¹.

A Igreja encontra obstáculos no cumprimento de sua tarefa missionária. E se fosse por nossas forças, desânimo impreterivelmente dela tomaria conta. Igreja só pode cumprir sua missão no mundo a partir da certeza da ressurreição, a partir da certeza que o reino de Deus não pode ser contido, ou como formula J. Moltmann: "Esta missão não se realiza dentro do horizonte estreito dos papéis sociais que a sociedade concede à Igreja, mas dentro do vasto horizonte de esperanças do futuro Reino de Deus, da futura justiça, da futura paz, da futura liberdade e dignidade do homem. O Cristianismo não deve servir para que o mundo continue sendo aquilo que é, ou seja guardado naquilo que é, mas para que se transforme e se torne o que lhe está prometido"¹².

Por isso, Igreja missionária não pode significar senão Igreja a serviço do reino de Deus e da renovação do mundo.

10 — IECLB reavalia sua tarefa missionária no país. In: **Informação IECLB**. Ano IX, nº 83, setembro de 1987.

11 — Ibid.

12 — MOLTSMANN, J. **Teologia da Esperança**, p. 393.